

RICHARD CANTILON E A A REFUTAÇÃO DO “CORE” TEÓRICO DO PENSAMENTO MERCANTILISTA

Glaudionor Gomes Barbosa¹

Professor-Adjunto de História Econômica do CAA/UFPE

glaudionorbarbosa@gmail.com

André Luiz de Miranda Martins²

Professor-Associado de História Econômica do CAA/UFPE

hpe_8@yahoo.com.br

Resumo

O objetivo deste trabalho é demonstrar o papel desempenhado por Richard Cantillon na crítica ao paradigma mercantilista e a antecipação de questões que se fariam presentes na fisiocracia e na economia política clássica. A tese central é de que o “*Ensaio Sobre a Natureza do Comércio em Geral*” (1755) de Cantillon promoveu uma ruptura na hegemonia do paradigma anterior e sua virtual refutação. Para esta conclusão usa-se a instrumental teórico de Thomas Kuhn na obra “*A Estrutura das Revoluções Científicas*” (1998) sem um atrelamento formal àquela filosofia da ciência. Este trabalho usa uma metodologia de aproximação com base na literatura existente, em especial o “*Ensaio*” de Cantillon, e conclui que houve uma refutação do “Core” teórico do pensamento mercantilista

Palavras-Chave: Mercantilismo. Economia Política. “Core”. Refutação: Cantillon

Abstract

The purpose of this paper is to demonstrate the role played by Richard Cantillon in the critique of the mercantilist paradigm and the anticipation of questions that would be present in physiocracy and classical political economy. The central thesis is that Cantillon's "Essay on the Nature of Trade in General" (1755) promoted a rupture in the hegemony of the previous paradigm and its virtual refutation. By this conclusion we use the theoretical instrumental of Thomas Kuhn in the work "The Structure of Scientific Revolutions" (1998) without a formal link to that philosophy of science. This work uses a methodology of approximation based on the existent literature, especially Cantillon's "Essay", and concludes that there was a refutation of the theoretical "Core" of mercantilist thinking

Keywords: Mercantilism. Political Economy. "Core". Refutation: Cantillon



Richard Cantillon E A Refutação Do “Core” Teórico Do Pensamento Mercantilista – Glaudionor Gomes Barbosa e André Luiz de Miranda Martins

1. Introdução

O problema deste trabalho é demonstrar como Cantillon desenvolveu teses que anteciparam elementos dos paradigmas fisiocrata e clássico da economia.

O objetivo central do trabalho é, pois, identificar o essencial da crítica cantilloniana ao modelo mercantilista.

O trabalho está dividido em seis seções, incluindo esta introdução. Na seção dois discute-se a noção de paradigma, suas mudanças e refutação; a seção três realiza uma breve revisão do paradigma mercantilista; na seção quatro apresenta-se os diversos aportes de alguns estudiosos sobre o “Ensaio” de Cantillon; a seção cinco analisa o “Ensaio” como o averso do mercantilismo; na seção seis verifica-se até que ponto as teses mercantilistas foram refutadas.

2. Paradigmas: mudança e refutação

Kuhn (1998) chama de revolução científica o contexto em que um novo paradigma vem a substituir o antigo. A questão é de que, enquanto o paradigma antigo estiver respondendo bem, não há espaço para um novo. Apesar do grande debate e das infundáveis polêmicas suscitadas, a abordagem de Kuhn tem, hoje, ampla aceitação.

O argumento central de Kuhn é baseado em fases, a saber, a fase pré-paradigmática produziria uma ciência normal que com o tempo entraria em crise e finalmente em Revolução paradigmática. Na sequência se tem uma nova ciência normal e o ciclo se repete, aparentemente sem fim. Não interessa a este trabalho os mecanismos desenvolvidos e explicados por Kuhn, aceitos e questionados por tantos, interessa apenas o conceito de paradigma.

Chibeni argumenta, resumindo o trabalho de Kuhn, que o paradigma é como um mapa que permite acessar os diversos caminhos:

Um paradigma fornece, pois, os fundamentos sobre os quais a comunidade científica desenvolve suas atividades. Um paradigma representa como que um “mapa” a ser usado pelos cientistas na exploração da Natureza. As pesquisas firmemente assentadas nas



Richard Cantilon E A A Refutação Do “Core” Teórico Do Pensamento Mercantilista – Glaudionor Gomes Barbosa e André Luiz de Miranda Martins

teorias, métodos e exemplos de um paradigma são chamadas por Kuhn de *ciência normal*. Essas pesquisas visam, principalmente, a extensão do conhecimento dos fatos que o paradigma identifica como particularmente significativos, bem como o aperfeiçoamento do ajuste da teoria aos fatos pela articulação ulterior da teoria e pela observação mais precisa dos fenômenos. (Chibeni In: Síntese de *A Estrutura das Revoluções Científicas*, de Thomas Kuhn)

É difícil explicitar, especialmente em poucas palavras, os elementos que entram na formação de um paradigma. Kuhn sustenta mesmo que essa explicitação nunca pode ser completa. A razão disso é que o conhecimento de um paradigma é, em parte, *tácito*, adquirido pela exposição direta ao modo de fazer ciência determinado pelo paradigma. Assim, por exemplo, é somente *fazendo* óptica à maneira de Newton que se pode conhecer completamente o paradigma óptico newtoniano, ou *fazendo* eletromagnetismo à maneira de Maxwell que se pode conhecer completamente o paradigma eletromagnético.

Kuhn (1998) vai construir seu principal argumento sobre como muda os paradigmas nas ciências utilizando o “Giro Copernico”

Começemos examinando um caso particularmente famoso de mudança de paradigma: o surgimento da astronomia copernicana. Quando de sua elaboração, durante o período de 200 a.C. a 200 d.C., o sistema precedente, o ptolomaico, foi admiravelmente bem-sucedido na predição da mudança de posição das estrelas e dos planetas. Nenhum outro sistema antigo saíra-se tão bem: a astronomia ptolomaica é ainda hoje amplamente usada para cálculos aproximados; no que concerne aos planetas, as predições de Ptolomeu eram tão boas como as de Copérnico. Porém, quando se trata de uma teoria científica, ser admiravelmente bem-sucedida não é a mesma coisa que ser totalmente bem-sucedida. Tanto com respeito às posições planetárias como com relação aos equinócios, as predições feitas pelo sistema de Ptolomeu nunca se ajustaram perfeitamente às melhores observações disponíveis. Para numerosos sucessores de Ptolomeu, uma redução dessas pequenas discrepâncias constituiu-se num dos principais problemas da pesquisa astronômica normal, do mesmo modo que uma tentativa semelhante para ajustar a observação do céu à teoria de Newton forneceu problemas para a pesquisa normal de seus sucessores do século XVIII. Durante algum tempo, os astrônomos dispunham de todos os motivos para supor que tais tentativas de aperfeiçoamento da teoria seriam tão bem-sucedidas como as que haviam conduzido ao sistema de Ptolomeu. (KUHN, 1998, p. 93-94)

Thomas Kuhn (1998: p.44) define paradigma como “modelo ou padrão aceitos”. Kuhn sustenta a tese de que a ciência se desenvolve durante certo tempo a partir da



**Richard Cantillon E A A Refutação Do “Core” Teórico Do Pensamento Mercantilista –
Glaudionor Gomes Barbosa e André Luiz de Miranda Martins**

aceitação, por parte da comunidade científica, de um conjunto de teses, pressupostos e categorias que formam um paradigma, ou seja, um conjunto de normas e tradições dentro do qual a ciência se move e se orienta. Os paradigmas adquirem seu status porque são mais bem sucedidos que seus competidores na resolução de alguns problemas que o grupo de cientistas reconhece como graves.

Dito de outro modo, existem momentos em que essa visão ou paradigma se altera, provocando uma revolução que abre caminho para um novo tipo de desenvolvimento científico. Foi o que se deu na passagem da ciência antiga à ciência moderna, ou ainda, na passagem da física clássica e mecânica para a física quântica

Necessário se faz compreender que o alcance da análise de Kuhn depende de condições objetivas bem evidentes. Esse fato fica claro na comparação da Revolução Científica com as Revoluções Políticas

A esta altura um dos aspectos do paralelismo já deve ser visível. As revoluções políticas iniciam-se com um sentimento crescente, com frequência restrito a um segmento da comunidade política, de que as instituições existentes deixaram de responder adequadamente aos problemas postos por um meio que ajudaram em parte a criar. De forma muito semelhante, as revoluções científicas iniciam-se com um sentimento crescente, também seguidamente restrito a uma pequena subdivisão da comunidade científica, de que o paradigma existente deixou de funcionar adequadamente na exploração de um aspecto da natureza, cuja exploração fora anteriormente dirigida pelo paradigma. Tanto no desenvolvimento político como no científico, o sentimento de funcionamento defeituoso, que pode levar à crise, é um pré-requisito para a revolução. Além disso, embora esse paralelismo evidentemente force a metáfora, é válido não apenas para as mudanças importantes de paradigma, tais como as que podemos atribuir a Copérnico e Lavoisier, mas também para as bem menos importantes, associadas com a assimilação de um novo tipo de fenômeno, como o oxigênio ou os raios X. Como indicamos no final do capítulo 4, as revoluções científicas precisam parecer revolucionárias somente para aqueles cujos paradigmas sejam afetados por elas. Para observadores externos, podem parecer etapas normais de um processo de desenvolvimento, tal como as revoluções balcânicas no começo do século XX. Os astrônomos, por exemplo, podiam aceitar os raios X como uma simples adição ao conhecimento, pois seus paradigmas não foram afetados pela existência de uma nova radiação. Mas para homens como Kelvin, Crookes e Roentgen, cujas pesquisas tratavam da teoria da radiação ou dos tubos de raios catódicos, o surgimento dos raios X violou inevitavelmente um paradigma ao criar outro. É por isso que tais raios somente poderiam ter sido descobertos por meio da percepção de que algo não andava bem na pesquisa normal. (KUHN. 1998, p. 116-117)



Richard Cantilon E A A Refutação Do “Core” Teórico Do Pensamento Mercantilista – Glaudionor Gomes Barbosa e André Luiz de Miranda Martins

Depois dessa longa citação, necessária, porém cansativa, precisa-se esclarecer que as ideias de Thomas Kuhn entram neste breve trabalho apenas com o intuito de esclarecer a continuidade de um paradigma e sua ruptura. Compreenda-se, contudo, que as ciências da natureza possuem diferenças marcantes em relação às ciências humanas e sociais. Não há mecanicismo direto entre a abordagem kuhniana e a análise aqui feita

3. Para uma revisão do mercantilismo

Segundo Roll (1972) o mercantilismo se assenta no vácuo deixado pela decadência do Escolasticismo. Foram muitos os fatores impactantes para a quebra do feudalismo, tais como: enfraquecimento dos particularismos; aumento do comércio, incluindo o de longa distância; acirramento dos conflitos internos, particularmente os que opunham de um lado os servos e de outro os senhores; as novas noções de direito natural; as ideias de racionalidade, entre outros

O mercantilismo assume feições variáveis de país para país, mas no geral, baseia-se numa concepção de Estado forte, dando-se ênfase ao primado das forças econômicas e da civilização material, do nacionalismo, do intervencionismo e do protecionismo. Na verdade, o mercantilismo foi um período transicional para a fisiocracia com sua defesa já capitalista da terra.

Ainda Roll (1972) defende que o mercantilismo foi o conjunto de ideias e práticas econômicas, adotadas e desenvolvidas na Europa durante a fase do capitalismo comercial. Na medida em que, as monarquias europeias foram se firmando como Estados modernos, os reis, recebiam o apoio da burguesia comercial, que buscava a expansão do comércio para fora das fronteiras do país.

O sistema começou na Baixa Idade Média (X a XV), época em que teve início o processo de formação das grandes monarquias nacionais, mas foi apenas na Idade Moderna (XV a XVIII) que ele se firmou como política econômica nacional e atingiu o seu pleno desenvolvimento.

Pode-se resumir, assim, as principais características do modelo mercantilista, mesmo ressaltando que as práticas e ideias econômicas não tenham sido aplicadas de maneira homogênea, existem alguns elementos comuns nas diferentes nações europeias:



**Richard Cantilon E A A Refutação Do “Core” Teórico Do Pensamento Mercantilista –
Glaudionor Gomes Barbosa e André Luiz de Miranda Martins**

(a) Havia controle estatal da economia, a saber, os reis com o apoio dos mercadores foram assumindo o controle da economia nacional, visando fortalecer ainda mais o poder central e obter os recursos necessários para expandir o comércio. Dessa forma o controle estatal da economia tornou-se a base do mercantilismo;

(b) Política orientada para uma Balança Comercial positiva e que consistia na ideia de que a riqueza de uma nação estava associada a sua capacidade de exportar mais do que importar. Para que as exportações superassem sempre as importações (superávit), era necessário que o Estado se ocupasse com o aumento da produção e com a busca de mercados externos para a venda dos seus produtos;

(c) Prevalecia o monopólio. Os governos interessados numa rápida acumulação de capital, estabeleceram monopólio sobre as atividades mercantis e manufatureiras, tanto na metrópole como nas colônias. Donos do monopólio, o Estado o transferia para a burguesia metropolitana por pagamento em dinheiro. A burguesia favorecida pela concessão exclusiva comprava pelo preço mais baixo o que os colonos produziam e vendiam pelo preço mais alto tudo o que os colonos necessitavam. Dessa forma, a economia colonial funcionava como um complemento da economia da metrópole;

(d) Predomínio de forte protecionismo que era realizado através de rígidas barreiras alfandegárias, com o aumento das tarifas, que elevava os preços dos produtos importados, e também através da proibição de se exportar matérias-primas que favorecessem o crescimento industrial de países concorrentes;

(e) Concepção metalista da economia, significa dizer que os mercantilistas defendiam a ideia de que a riqueza de um país era medida pela quantidade de ouro e prata que possuísem. Na prática essa ideia provou não ser verdadeira.

Hugon (1969) defende que o mercantilismo teve seu auge entre meados do século XV e meados do século XVIII, sendo resultante de um amplo conjunto de linhas de força, desde mentalidades até as estruturas econômicas, passando por aspectos religiosos, políticos, e geográfico. Nos países ibéricos observou-se a proibição de saída de metais preciosos e da entrada de mercadorias estrangeiras. Na França, o Colbertismo¹ praticou um forte intervencionismo na indústria e o protecionismo alfandegário, para desenvolver aquela. Predominava a ideia de exportar mais e reduzir as importações ao mínimo

¹ Relativo a Jean-Baptiste Colbert, ministro francês das finanças durante 22 anos,



**Richard Cantillon E A Refutação Do “Core” Teórico Do Pensamento Mercantilista –
Glaudionor Gomes Barbosa e André Luiz de Miranda Martins**

possível. Na Inglaterra, o comércio e a navegação apareceram com as principais fontes de riqueza nacional.

Heckscher (1943) em um esforço teórico exemplar, faz uma revisão exaustiva sobre a temática chegando a conclusão, quanto ao aspecto mais polêmico do protecionismo, haja vista a lógica assentada no liberalismo dominar a ciência econômica, que o eixo da política comercial externa do período, em oposição à política de abastecimento típica do medievo é a ocorrência de uma “aversão às mercadorias”. A monetização da economia, raciocina o autor “confunde” os processos de troca e cria uma espécie de fetiche monetário. É esta ilusão que gera um Estado que visa incentivar exportações e restringir importações.

Segundo pode-se deduzir da leitura de Mun (1664) não há exatamente uma aversão às mercadorias. Ocorre, na verdade, incrementos nos fluxos comerciais e a importância do comércio internacional para a prosperidade da nação. Como os comerciantes buscando incessantemente lucros comerciais, iriam possuir uma aversão pelas mercadorias.

Pois é no estoque do Reino, como nas propriedades dos homens privados, que, tendo lojas de mercadorias, não dizem, portanto, que não se aventurarão ou trocarão com seu dinheiro (pois isso é ridículo), mas também transformarão isso em mercadorias, por meio das quais eles multiplicam sua moeda, e assim, por uma mudança contínua e ordenada de um para o outro, ficam ricos, e quando eles transformam todas as suas propriedades em Tesouro; pois os que têm mercadorias não podem querer ter dinheiro (MUN, 1664, p. 16, tradução do Autor)

Sendo duvidosa a aversão às mercadorias, parece subsistir outra que se dirige ao consumo. Seria, então, uma sociedade de poupadores? Não! Trata-se de uma sociedade de entesouradores compulsórios. Há estímulo à produção e as transações, mas há uma negatização do incremento ao consumo interno

O outro lado da “aversão às mercadorias” teria que ser o “amor ao ouro”. Assim, o metalismo foi a síntese do mercantilismo em todas as suas formas. A concepção metalista caracterizou o mercantilismo em suas várias formas.

As chamadas ideias mercantilista, como já foi dito, teve base em diversas transformações. No campo político registre-se, no século XVI, o surgimento do Estado moderno, que começa a administrar e acomodar as diferentes classes e setores de classes



**Richard Cantillon E A A Refutação Do “Core” Teórico Do Pensamento Mercantilista –
Glaudionor Gomes Barbosa e André Luiz de Miranda Martins**

que fazem a nação. No campo das mentalidades é correto destacar o renascimento das artes, quanto da literatura, como das ciências. Na questão religiosa, a Reforma Protestante.

Os homens do período mercantilista eram essencialmente práticos. Assim, muito mais do que falar em um conjunto de ideias, melhor referir-se a uma coleção de práticas econômicas. Essas práticas não foram uniformes, porém, havia a unidade de que a riqueza de uma nação ou de um Reino, como se falava era resultado do acúmulo de ouro e prata. Ou seja, o metalismo era o centro do pensamento

Não se pode, nem se deve esquecer que essas ideias coincidem com o grande afluxo vindo da descoberta e a exploração das minas de ouro na América, tendo como principal beneficiário, a Espanha. Para acelerar e otimizar a acumulação de ouro e prata, a Espanha toma uma série de medidas intervencionistas, para evitar que o metal precioso saia do país.

Por este motivo este trabalho defende a não uniformidade daquilo que passou a chamar-se no pensamento econômico, de mercantilismo. Não há um mercantilismo, mas vários; assim como não há o feudalismo, porém, os feudalismos.

Na Espanha predomina a visão metalista associada a uma "balança de comércio credora". O vertiginoso aumento de preços que afetou a toda Europa desde o século XVI, originou-se das remessas para a Espanha de metais preciosos que trazia a frota das Índias, é possível argumentar que as preocupações sobre esse aumento exorbitante do estoque monetário gerou uma reflexão sobre as suas causas, efeitos e possíveis soluções que produziu o cerne do pensamento econômico mercantilista.

Castela, desde a Baixa Idade Média presenciara um confronto entre os interesses vinculados à exportação da lã (a aristocrática e a os altos mercadores de Burgos, das feiras e dos portos ligados com Flandres) e os vinculados à produção interna de panos (os baixos mercadores e o patriciado urbano)

Na França, o mercantilismo assumiu a forma "industrialista" ou "colbertista". Preservando os mesmos objetivos que o mercantilismo da Espanha, o colbertismo difere no método que utiliza para obtenção de metais preciosos, ou seja, uma aposta na industrialização. A agricultura é preterida frente à indústria. Na busca desse objetivo o Estado toma numerosas medidas intervencionistas, a fim de colocar a produção nacional



Richard Cantilon E A A Refutação Do “Core” Teórico Do Pensamento Mercantilista – Glaudionor Gomes Barbosa e André Luiz de Miranda Martins

em condições vantajosas no mercado internacional. Favorecendo assim as exportações e o estoque metálico interno.

Na França, o mercantilismo nasce com o reforço da Monarquia. Em 1539, um decreto real proíbe a importação de mercadorias têxteis com origem na Espanha e em partes de Flandres. O ano seguinte são impostas restrições à exportação de ouro. Multiplicam-se as medidas protecionistas ao longo do século XVI, Jean-Baptiste Colbert, ministro de finanças, foi o principal criador e teórico das ideias mercantilistas na França. Com Colbert, o governo francês interferiu fortemente na economia para aumentar as exportações. Colbert eliminou os obstáculos ao comércio ao reduzir as taxas alfandegárias interiores e ao construir uma importante rede de estradas. As políticas desenvolvidas pelo ministro francês resultaram eficientes e permitiram que a indústria e a economia francesas crescessem consideravelmente durante esse período, tornando a França numa das maiores potências europeias.

Também foi marca registrada do mercantilismo francês a consecução de uma decidida política de criação de Manufaturas Reais que fabricavam produtos estratégicos ou de luxo, em ambos os casos consumíveis em primeiro lugar pela demanda da própria monarquia, ao mesmo tempo que produziam a emulação do seu consumo tanto dentro como fora do reino.

Na Inglaterra, por sua vez, o mercantilismo reveste a forma chamada "comercialista", onde era permitido tanto a entrada quanto a saída de metais. Contudo, exigia-se que a balança comercial fosse favorável, o que significa que as entradas de metais preciosos (ouro e prata) deveriam superar as saídas daqueles superiores às exportações, todo um sistema de regulamentação é elaborado: o estado regulamenta a produção, fiscaliza as exportações e controla as vendas no exterior (HUGON, 1969)..

O mercantilismo alemão é conhecido pelo nome de "camaralismo"². Seckendorff um dos mais importantes comercialistas defendia a ideia de que as importações deveriam ser reduzidas, preconizando medidas para aumentar a produtividade da agricultura e das manufaturas. Beckers por sua vez, condena as exportações e as importações recomendando a construção de sociedades comerciais estatizadas. O comércio exterior é também considerado na Alemanha como parte principal da riqueza da coletividade. O

² Segundo Seckendorff, o mercantilismo alemão é conhecido pelo nome de "camaralismo".



Richard Cantillon E A Refutação Do “Core” Teórico Do Pensamento Mercantilista – Glaudionor Gomes Barbosa e André Luiz de Miranda Martins

mercantilismo reveste, nos primórdios do século XVII, a forma judiciária, tendo como um dos principais representantes John Low, o qual afirmava que era o volume de moeda que aumentava a riqueza pública. Todavia Low cometeu um grave erro ao colocar como centro do sistema o volume de moedas em circulação, sem considerar a procura efetiva dessa moeda em função do real desenvolvimento da riqueza.

4. Impressões de alguns estudiosos contemporâneos sobre “Ensaio Sobre a Natureza do Comércio em Geral” de Richard Cantillon

Oser (1983) lembra-nos que Richard Cantillon [1680(?)-1734] nasceu em um mundo dominado, pelo que ficou conhecido como paradigma econômico mercantilista. Cantillon apresentou teses sobre valor e preço; papel da moeda, a importância do fator terra e do trabalho, tais que apontavam para a quebra daquele paradigma.

O preço ou no valor intrínscio de uma coisa é a medida da quantidade de terra e trabalho que entra em sua produção, considerando a fertilidade ou a produtividade da terra e a qualidade do trabalho. Mas, frequentemente, ocorre que muitas coisas que têm realmente este valor intrínscio não são vendidas no mercado de acordo com este valor: isto dependerá dos humores e das fantasias dos homens e de seu consumo (Cantillon apud OSER, 1983, p. 57)

Na discussão sobre o papel da moeda e a função da velocidade de circulação daquela, Richard Cantillon argumentou que a velocidade é variável. A velocidade aumenta para que se movimente maior volume de mercadorias com menor volume monetário.

Porém, usualmente ocorre que, em Estados em que a moeda é mais escassa, há mais escambo que naqueles em que a moeda é mais abundante, e a circulação é mais imediata e menos vagarosa que naqueles em que não é tão escassa. Assim, é sempre necessário, ao se avaliar o montante da moeda em circulação, levar em conta a rapidez de sua circulação (Cantillon apud OSER, 1983, p. 58)



**Richard Cantillon E A Refutação Do “Core” Teórico Do Pensamento Mercantilista –
Glaudionor Gomes Barbosa e André Luiz de Miranda Martins**

A Teoria Quantitativa da Moeda (TQM) é uma teoria segundo a qual o aumento do meio circulante provoca um aumento geral nos preços. Assim, o poder aquisitivo da moeda seria inversamente proporcional ao seu montante em circulação. O economista norte-americano Irving Fisher, que desenvolveu a teoria, elaborou para ela uma fórmula conhecida como a equação das trocas ou equação do câmbio. O enunciado diz que o produto da quantidade de moeda, legal e/ou escritural, pela sua velocidade de circulação, é igual à soma de todos os preços multiplicados pelo volume das mercadorias trocadas. A expressão algébrica é $MV = PT$, onde M é a quantidade total de moedas, V é a velocidade de circulação, P é o nível geral de preços e T é o volume de transações de bens e serviços ocorridas na unidade de tempo. Como o autor inclui a moeda escritural (os depósitos bancários), a fórmula detalhada passa a ser: $MV + M'V' = PT$, em que M' representa a moeda escritural e V' , sua velocidade de circulação. O nível geral de preços poderia ser expresso da seguinte maneira $P = (MV + M'V') / T$.

Segundo Carvalho e Borges Neto (2008) a análise monetária de Cantillon está, portanto, muito longe da tendência persistente entre os adeptos da TQM de focar apenas o nível geral de preços. Na época de Cantillon, em que os elementos fundamentais da atual ortodoxia ainda não se haviam desenvolvido (mesmo que a formulação da TQM já estivesse em andamento), e em que predominavam idéias mercantilistas, ele não seria considerado heterodoxo. A própria distinção entre ortodoxos e heterodoxos, aliás, não existia.

Cantillon, mesmo sendo considerado um mercantilista, argumentava que os metais preciosos, o ouro e a prata, minerados internamente não tinham as mesmas potências que os excedentes de exportações. Ou seja, havia uma clara defesa da produção e da venda externa das mercadorias. Assim, a riqueza seria resultado da produção, logo do trabalho e nunca, puramente da circulação.

Segundo Oser (1983) Cantillon defendia que a descoberta e a exploração de minas ricas em ouro e prata elevariam os preços internos das mercadorias em geral, dos aluguéis e dos salários. Com custos internos mais altos, ocorre uma elevação das importações em detrimento dos trabalhadores e das manufaturas do país em questão, pois haveria redução da renda dos agentes nacionais. Desse modo, a grande circulação inicial da moeda, se reduz gravemente, a pobreza e, mesmo, a miséria, se faz presente.



**Richard Cantillon E A Refutação Do “Core” Teórico Do Pensamento Mercantilista –
Glaudionor Gomes Barbosa e André Luiz de Miranda Martins**

Em resumo; só o aumento de moeda resultante do excedente ds exportações é benéfico, pois aumenta a riqueza e o emprego. A importação de superfluos pode esgotar o excedente de exportáveis e desencadear uma crise

Segundo Rool (1972), o “Ensaio” de Cantillon (1755)³ é a exposição mais sistemática e completa dos fundamentos da economia, antes, da obra fundadora “A Riqueza das Nações” de Adam Smith.

O livro começa com uma conceituação da terra - vale notar não se tratar da natureza e sim da terra com proprietário -, como fonte de riqueza e do trabalho humano como a força (força do trabalho, quase de trabalho) que a produz e a todos os bens materiais com suas partes constitutivas.

De acordo com Cantillon (1755), se um país, tem, durante certo tempo considerável, excedente de exportação e traz moeda metálica de outros países, então a circulação chegará a ser bem maior, ou seja, o dinheiro será mais abundante e, conseqüentemente, a terra e o trabalho tornar-se-ão mais caros.

Como mostra Roll (1972), Cantillon desenvolve argumentos lógicos indicando a forma como e por que se distribuem os lucros obtidos com o maior poder de compra resultante da produção dos metais preciosos. Os donos das mineradoras, os fundidores, aqueles que refinam os metais e outros trabalhadores afins são os primeiros a ter um aumento do poder de compra e incrementar, desse modo, a demanda corrente por alimentos, vestuários e outros produtos manufaturados. Aquelles que ofertam estas mercadorias aumentam suas receitas e, por consequencia, seus gastos. Supondo um produto constante, no curto prazo, como implicitamente, faz Cantillon, haverá uma diminuição da demanda de outros setores e pessoas da economia.

Outro resultado do que se expôs acima é uma possível alta dos preços. Neste caso, o mecanismo de transmissão que leva à inflação não é simplesmente o aumento do estoque monetário, mas a demanda sob condições de pleno emprego “parcial” de setores e subemprego “geral”, o que é compatível com o modelo clássico, constituindo sua antecipação neste aspecto⁴.

³ O livro é editado em 1755, logo 21 anos antes da obra magistral de Adam Smith, porém deve-se registrar que o Ensaio de Cantillon foi escrito em 1720, assim 56 anos antes da “Riqueza das Nações”

⁴ o autor deste artigo isenta-se de acusações de anacronismo, dada a argumentação abstrata da presente análise teórica



Richard Cantillon E A A Refutação Do “Core” Teórico Do Pensamento Mercantilista – Glaudionor Gomes Barbosa e André Luiz de Miranda Martins

Note-se - e é uma brilhante passagem -, que a Teoria Monetária de Richard Cantillon considerava que os efeitos de um aumento da mercadoria-dinheiro e do papel-moeda só eram idênticos na aparência⁵. Significa dizer que o excesso de oferta do dinheiro “fictício” tendia, depois dos efeitos imediatos a desaparecer, isto é, no primeiro momento de quebra de crédito “moral”⁶ e o afastamento desse dinheiro promoveriam a desordem sistêmica.

Para Roll (1972) a Teoria do Valor de Cantillon pode ser classificada como sendo uma Teoria do Valor-Trabalho, apesar de, dentro dos marcos cantillonianos, diluir-se até tornar-se uma Teoria do Valor de Custo de Produção e contenha aspectos de redução a uma Teoria de Oferta e Demanda.

Segundo Roll (1972), o capítulo X do “Ensaio” desenvolve a tese de que o preço e o valor intrínscio de uma mercadoria é a medida da terra e do trabalho que entram na sua produção. Confirma-se, aqui, a tendência para uma teoria do valor baseada em dois custos essenciais, a saber, terra e trabalho. Uma visão compatível com o paradigma ricardiano

Em relação ao parágrafo anterior é preciso insistir que aquele é o norteamento teórico-metodológico de Cantillon. Assim, dois ou mais mercadorias teriam o mesmo valor se forem produzidas com a mesma quantidade de terra e trabalho, supondo qualidade constante para ambos os fatores. Ocorrerão variações no valor se os custos de produção (Terra e Trabalho) variarem.

Atentando-se para o conceito de Valor Trabalho-Terra de Cantillon, não se deve olvidar que a determinação do valor pode ter uma expressão diferente no preço. Este último flutua em torno do valor. O autor fornece alguns exemplos, como o de um proprietário, presumidamente, que realiza gastos em embelezamentos em uma propriedade e estes não serão recuperados na venda⁷.

⁵ Uma questão-chave em filosofia da ciência é a compreensão da realidade e esta não se manifesta de maneira transparente, é preciso operar de uma determinada forma para de fato apreender a verdade sobre o objeto, dessa forma, é necessário um certo esforço para, partindo dos fatos empíricos que são as aparências dadas pela realidade, superá-las para chegar à essência.

⁶ Por crédito “moral” estar a se referir às crenças – fundamentadas ou não na razão – das pessoas quanto a legitimidade e fiducia da moeda em questão

⁷ Em termos comparativos, um juiz, no Brasil, resolveu afirmar que benfeitorias realizadas em um triplex no Guarujá, elevariam o preço do referido imóvel no montante dos custos da reforma. As alterações, supostas, no valor atribuído de mais de um milhão de reais, corresponderia basicamente a um elevador e uma minipiscina. O comprador, em segunda mão, talvez, não valorizasse nem em dez mil reais melhorias



Richard Cantillon E A A Refutação Do “Core” Teórico Do Pensamento Mercantilista – Glaudionor Gomes Barbosa e André Luiz de Miranda Martins

De acordo com Denis (1978) é importante destacar que as ameaças representadas pelos aportes teóricos de Cantillon situava-se em um contexto em que as políticas mercantilistas passam a significar um entrave ao desenvolvimento econômico. A saber, ao desenvolvimento do capitalismo, ou seja, ao pleno florescimento das forças produtivas capitalistas.

Ainda segundo o estudioso e erudito Denis (1978), interessante é que Cantillon, apesar de reconhecer a importância do trabalho tenta medir o valor das “coisas” pela quantidade de terra utilizada, seria, se possível, não um valor-utilidade ou um valor-trabalho, mas um valor-terra-trabalho.

Segundo Schumpeter (1954) há muita genialidade nas descobertas de Cantillon. Mesmo que se concorde que as ideias essenciais já estavam presentes em Petty, mas Cantillon não age como mero e obsequioso discípulo. Cantillon foi para Quesnay o elo cognitivo e teórico que Petty foi para Cantillon. Na História do Pensamento Econômico a melhor comparação é aquela que une Ricardo a Marx.

5. O “Ensaio sobre a natureza do comércio em geral” ou o averso do mercantilismo.

Repetindo argumento *obiter dictum*, apesar de Cantillon ter sido sempre considerado como um mercantilista, muitos comentadores de seu “Ensaio” colocaram qualificações. Se todos os homens são mais filhos do seu tempo do que de seus pais. Se todos sempre falam de um lugar e um tempo social seria apriorístico e exagerado colocar Cantillon fora do contexto mercantilista. Parece razoável colocá-lo no campo desta corrente de pensamento. Mercantilista, em primeiro lugar, por ele ser um banqueiro e comerciante, e por tantas vezes concordar com os objetivos econômicos e políticos do mercantilismo. Entretanto, apresentar Cantillon além do tempo mercantilista é essencial, dado que os mercantilistas nunca tiveram a visão de que é o proprietário quem toma as decisões fundamentais do processo de acumular capital e gerar lucros

que poderiam parecer desnecessárias, dado, por exemplo, que uma escada em curva poderia ser mais elegante.



**Richard Cantillon E A A Refutação Do “Core” Teórico Do Pensamento Mercantilista –
Glaudionor Gomes Barbosa e André Luiz de Miranda Martins**

De acordo com Cantillon (1755) a riqueza⁸ é o resultado do trabalho agindo sobre a natureza. A terra produz, mas é o trabalho que dá forma a riqueza. Mesmo os peixes do rio lá ficariam se não fosse o trabalho humano. O valor intrínseco das mercadorias tem como medida a quantidade de matéria e de trabalho que entram em sua produção, levando em conta a qualidade de ambos.

Para Cantillon (1755) se um senhor de terras abre canais e ergue terraços na sua propriedade, o valor intrínseco daquilo será proporcional ao custo incorrido em terra e em trabalho. Desse modo, não há nenhuma variação do valor intrínseco, entretanto:

O valor intrínseco das coisas nunca varia, mas a impossibilidade de estabelecer uma proporção entre a produção de mercadorias e gêneros e o seu consumo num país, provoca uma variação diária e um fluxo e refluxo contínuo nos preços de mercado. Entretanto, nas sociedades bem reguladas, os preços de mercado dos gêneros e mercadorias cujo consumo é constante e uniforme não se afastam muito do seu valor intrínseco (CANTILLON, 1755, p. 35)

Nem sempre é pago o valor intrínseco das coisas. Muitas vezes o preço no mercado depende dos caprichos dos consumidores e da abundância ou escassez do produto.

Segundo Cantillon, se a terra é a matéria⁹ e o trabalho é a forma¹⁰ de todos os gêneros e mercadorias. Como o trabalho depende duplamente da terra, então existe uma relação entre o valor do trabalho e o valor da terra.

Pode-se observar que as terras têm qualidades diferentes assim como os trabalhos dos homens, porque diferentes porções de terra usadas da mesma maneira produzem quantidades diferentes mesmo quando as porções possuem a mesma área. As diferenças entre as terras tornam os produtos, do trabalho dos lavradores, mais abundantes nas terras mais férteis do mesmo modo que a proximidade das terras em relação aos consumidores torna o transporte mais fácil.

⁸ A riqueza é conjunto de coisas necessárias, cômodas ou prazerosas. Toda riqueza provém do trabalho do homem, mas também da natureza que ajuda na realização dessas tarefas. A matéria de onde se retira a riqueza está na terra e a forma que ela adquire é moldada pelo trabalho humano.

⁹ Matéria é a substância que constitui todas as coisas.

¹⁰ Forma é a configuração visível do conteúdo, logo da matéria



**Richard Cantillon E A A Refutação Do “Core” Teórico Do Pensamento Mercantilista –
Glaudionor Gomes Barbosa e André Luiz de Miranda Martins**

A relação entre terra e trabalho e a criação, com base nessa relação de uma medida invariável de valor, é um *tour de force* constante na obra deste franco-irlandês genial. O trabalho vale a quantidade de terra que o proprietário é obrigado a empregar para a sua subsistência e de sua família, tal como o trabalho do mais vil escravo adulto. Como o trabalho diário mantém uma relação com o produto da terra o valor intrínseco do produto pode ser determinado pela quantidade de terra usada em sua produção e na subsistência do trabalhador que a produziu.

Encontra-se em Cantillon uma defesa explícita do proprietário da terra, e não dos mercadores. Assim, toda riqueza usufruída pelas outras ordens são às expensas do homem da terra. É isto que está dito no capítulo XII Os proprietários ds terras são donos efetivos de todos os produtos da terra e podem usá-los intercambiando por qualquer mercadoria ou trabalho que pretenderem. São os proprietários que empregam, direta ou indiretamente, todos os habitantes.

Para Cantillon (1755) a única classe independente é a dos proprietários da terra, enquanto conservam a posse dela. Assim como os empregados, todos os empresários são dependentes por ter sua subsistência obtida através do trabalho na terra e conseqüentemente através dos proprietários da terra, sejam locais ou estrangeiros.

Como toda a economia depende da produção agrícola e de decisões dos proprietários das terras, então mesmo as oscilações da demografia depende daquelas decisões. A composição do Produto Nacional, também, depende de decisões dos agentes principais, pois ele pode decidir cultivar mais de um produto do que de outro. Ressalte-se que, diferentemente, de certa leitura de Cantillon feita, por exemplo, por Lorio (2014), os empresários “não são cegos na escuridão, esperando as luzes orientadoras vindas do mercado”

Extremamente ilustrativo é o argumento de que o volume de riqueza de um reino depende diretamente do emprego. Assim, se Y é a riqueza (Produção) e N é o volume do emprego, então $Y = f(N)$. Nada mais anti-mercantilista do que esta conclusão.

Quanto a circulação e os preços é necessário observar que não há no “Ensaio” uma relação direta entre volume monetário e preços. Na Verdade os preços dependeriam mais da Velocidade-renda do que do volume monetário. Se a quantidade de moeda dobrar, os preços não dobrarão, do mesmo modo que um rio não correrá mais rápido por ter maior volume de água.



Richard Cantillon E A A Refutação Do “Core” Teórico Do Pensamento Mercantilista – Glaudionor Gomes Barbosa e André Luiz de Miranda Martins

Se o nascimento da fisiocracia acontece no bojo do Iluminismo Francês e esta deve ser conceituada como a vertente econômica do grande movimento intelectual daquele período histórico. A fisiocracia recebeu influência de filósofos iluministas, principalmente de Montesquieu (1689-1755), entretanto, o principal precursor da fisiocracia foi Cantillon (1680-1734), que expôs as contradições do sistema mercantilista e defende a terra como única forma de riqueza, e o trabalho como mecanismo de construção desta riqueza.

6. Em que medida o “Core” teórico mercantilista foi refutado?

Ao definir-se a escola fisiocrática como/que:

(a) aquela que se colocou frontalmente em oposição ao acúmulo oriundo das relações econômicas internacionais. Em contraponto, valorizava muito a capacidade humana de produção;

(b) adotou uma abordagem teórico-metodológica mais sistemática para convencimento externo, inclusive com narrativas maiores e mais consistentes;

(c) defendia-se que a agricultura era a única atividade capaz de gerar riqueza para sustentação de todas as classes de uma nação

Conclui-se que a contribuição de Richard Cantillon foi decisiva na refutação do mercantilismo. Apesar de ser considerado mercantilista, Cantillon refuta as principais abordagens do mercantilismo. Isso fica evidente quando:

(a) Cantillon estabelece que a terra é a verdadeira criadora da riqueza com a participação do trabalho. Assim, Cantillon quebra a espinha dorsal do escola metalista, que era a riqueza nequante acúmulo de metais preciosos

(b) o aporte cantilloniano quanto à Teoria Quantitativa da Moeda (TQM), mdestaca o papel da velocidade de circulação da moeda como variável, o que nrepresenta um avanço, inclusive, em relação aos monetaqwristas modernos.

Referências

ALVES, Rubem. *Filosofia da ciência: Introdução ao jogo e suas regras*. 1.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.



**Richard Cantillon E A Refutação Do “Core” Teórico Do Pensamento Mercantilista –
Glaudionor Gomes Barbosa e André Luiz de Miranda Martins**

CANTILLON, *Ensaio Sobre a Natureza do Comércio em Geral (1755)*. Curitiba: Segesta: Segesta Editora, 2002.

CARVALHO, André Roncaglia de; BORGES NETO, João Machado *A economia monetária de Cantillon e o debate moderno entre ortodoxia e heterodoxia*. Disponível em: <https://christypato.files.wordpress.com/2008/09/joao-machado-richard-cantillon.pdf> Acesso em: 20 de fevereiro de 2018

CHIHENI, Silvio Seno. Síntese de *A Estrutura das Revoluções Científicas*, de Thomas Kuhn. Disponível em: <http://www.unicamp.br/~chibeni/textosdidaticos/structure-sintese.htm> Acesso em 12 de março de 2018

COSTA, André Galindo da; TONELO, Daniel. *Filosofia da ciência e mudanças de paradigma: uma breve revisão da literatura*. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?url=https://seer.fclar.unesp.br/temasadm/article/download/6179/4644&rct=j&frm=1&q=&esrc=s&sa=U&ved=0ahUKEwjfk6m6iqzaAhXGFZAKHRhIA1YQFggUMAA&usq=AOvVaw32fRTazPhJTpFGgQMINHYy> . Acesso em 05 de fevereiro de 2018

DENIS, Henri. *História do Pensamento Econômico*. Lisboa: Livros Horizonte , 1978

HECKSCHER, Eli. *La época mercantilista: historia de la organización y las ideas económicas desde el final de la Edad Media hasta la Sociedad Liberal*. México: Fondo de Cultura Económica, 1943.

HESSEN, Joannes. *Teoria do conhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HUGON, Paul. *História das doutrinas econômicas*. São Paulo: Atlas, 1969.

HUNT, E. K. *História do pensamento econômico*. São Paulo: Campus, 1981.

KUHN . Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução: Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 10. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LORIO, Ubiratan Jorge (2014).. *Richard Cantillon (168?-1734) e o início da economia moderna*. Disponível em: <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1813>

MUN, Thomas. *England's treasure by forraign trade*, London, 1664. Reprinted: Oxford: Basil Blackweel, 1928.

OSER, Jacob. *História do Pensamento Econômico*. São Paulo: Atlas, 1983

ROOL, Eric. *História das Doutrinas Econômicas*. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1972

SCHUMPETER, Joseph Alois. *História da Análise Econômica*. Lisboa: Fundo de Cultura, 1954 (Volume I)

THORNTON, M. Cantillon and the rise of anti-mercantilism. *Procesos de Mercado: Revista Europea de Economía Política*, VI, n 1, Primavera 2009.



**Richard Cantilon E A A Refutação Do “*Core*” Teórico Do Pensamento Mercantilista –
Glaudsonor Gomes Barbosa e André Luiz de Miranda Martins**